

Toni Brandão

TELEVIZINHOS

Ilustrações Marcelo Cipis



edelbra

TELEVIZINHOS

1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Marcelo Cipis
Projeto Gráfico: Victória Piffero
Revisão: Press Revisão

B817t Brandão, Toni, 1960-
Televizinhos / Toni Brandão; ilustrações
de Marcelo Cipis. – Porto Alegre: Edelbra, 2015.
168 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-66470-55-0

1. Literatura infantojuvenil. I. Cipis,
Marcelo, ilustrador. II. Título.

CDU 087.5

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2015

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | ca@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.



Toni Brandão

TELEVIZINHOS

Ilustrações
Marcelo Cipis

edelbra



edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra



edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

PARA SANTA CLARA,
PADROEIRA DA TELEVISÃO,
ENTRE OUTRAS COISAS.

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

ede

edelbra

edelbra

PORTARIA

Tinha dez olhos arregalados em volta do meu tablet, na portaria do Edifício Século XXI, o prédio onde eu moro.

Além dessa tela, na mesa da portaria, tinha uma outra que, na verdade, é só um monitor com imagens em preto, branco e tons de cinza e faz parte do sistema interno de segurança do meu prédio. Nesse monitor, ficam se alternando as imagens não muito nítidas das câmeras de vídeo espalhadas pelo prédio. Há câmeras filmando a calçada em frente ao portão, o *playground*, as entradas da garagem e de serviço, o jardim, a piscina, os elevadores sociais e de serviço, a caixa-d'água, os dois andares de garagem, todos os *halls* dos andares... câmera em todos os cantos. Tá tudo vigiado!

De dez em dez segundos muda a imagem na tela do monitor. É por ele que o porteiro do prédio, o Seu Rai, controla tudo o que acontece nesses lugares onde eu falei que existem câmeras. O nome do porteiro é Rai, de Raimundo, e não Raí igual ao jogador de futebol.

Os dez olhos arregalados de que eu falei lá no começo não estão olhando pro monitor do sistema de segurança do prédio. Eles estão é ligados na tela de cristal líquido e cheia de cores do meu tablet.

– Aumenta o som.

– Já tá no máximo que a síndica do prédio deixa! Se aumentar mais, vai sujar pro Seu Rai.

Quem pediu pra aumentar o som fui eu, o Kiko, dono de dois dos dez olhos ligados na tela do tablet. Quem respondeu foi o Tuto, meu amigo e dono de mais dois dos dez olhos. Outros dois olhos eram do Seu Rai. Os quatro olhos que sobraram eram da Clara e da Rita, amigas minhas e do Tuto.

A Clara mora no apartamento 91, a Rita, no 72. O Tuto, na Cobertura 1, e eu, no apartamento 62. No nosso prédio, tirando as duas coberturas, cada andar tem três apartamentos. Os “apês” terminados em 1 têm três quartos e duas salas, e os terminados em 2 e 3 são um pouco menores: só têm dois quartos e uma sala.

Seu Rai estava sentado na cadeira de porteiro. Eu, a Clara, o Tuto e a Rita, em pé, em volta dele. Quem visse as nossas cinco cabeças por trás, à noite, poderia achar que eram cinco pessoas do mesmo tamanho. Isso porque o seu Rai é alto igual a



um poste e nós quatro, que temos mais ou menos a mesma altura (um metro e vinte!), ainda temos muito o que crescer. Pelo menos é o que a gente espera!

Só que não era noite e dava muito bem pra ver algumas diferenças entre as nossas cabeças: a do Seu Rai, careca, quer dizer, com um restinho de cabelos brancos. A cabeça do Tuto, com um boné detonado. A minha, com um gorro de lã vermelho. A da Clara, com duas tranças ruivas e lindas. E a cabeça da Rita, cheia de presilhas coloridas.

Foi da boca que fica na minha cabeça com o gorro vermelho que saiu a frase:

– Já que não dá pra aumentar mais o volume, Tuto, vê se para de falar “animal!” toda hora.

Era verdade! Desde que nós chegamos na portaria com o tablet pra mostrar a coisa toda pro Seu Rai, o Tuto não parava de dizer “animal!”, como se tivesse achando tudo uma coisa do outro mundo.

Ah... claro, nós quatro podíamos ter usado as telas dos nossos telefones celulares. Só que elas são bem menores e nós quatro sabemos “muito bem” que o Seu Rai já não enxerga “tão bem”. Quando entrega a correspondência, ele vive trocando o 5 pelo 8, o 1 pelo 7... o cara tá precisando ir ao “oftalmo”.

Mas, voltando à palavra “animal” que o Tuto não para de falar... quando eu disse isso pra ele, o Tuto respondeu:

– Se liga, Kiko! O que tá atrapalhando é essa sua voz de taquara rachada!

Antes de eu conseguir explicar, com todas as letras, quem é que tinha voz de taquara rachada pro Tuto, a Clara colocou um fim na nossa conversa:

– Pssiiiiiiiiiu!

E todo mundo se ligou de novo na tela, pra acompanhar as imagens do clipe que sabe-se lá quem tinha postado na internet. O tempo todo tinha um locutor “em off”, que não aparecia, falando em inglês. O cara tentava explicar uma coisa que não precisava de explicação nenhuma. Seria impossível não entender: milhares de garotos e garotas ingleses pulando. Garotos e garotas, com uniforme e com roupa normal, pulando no pátio das escolas, em parques, lanchonetes, calçadas, *playgrounds* de prédios, na frente de museus, de bancas de jornal... e até na frente de uma igreja bem antiga.

A maioria dos puladores era mais ou menos do tamanho e da idade de nós quatro.

Ah... havia até um cara mais velho pulando ao lado de uma estátua de bronze do Peter Pan, em um

belo parque. Pelos movimentos malucos que ele fazia, o cara devia ser um pulador profissional... ou, talvez, um equilibrista! Ele dava uns saltos mortais radicais.

Mesmo não tendo muito o que dizer sobre um bando de garotos e garotas pulando, parecia que o locutor era um locutor de futebol, desses chatos que têm que ficar o tempo todo dizendo alguma coisa. Ele não parava de chamar a atenção para detalhes nada importantes:

...reparem no garoto de camiseta vermelha listrada, no canto esquerdo do seu vídeo. Mesmo sendo um pouco gordão, ele consegue pular igual às outras crianças!

O garoto gordo pulava muito mesmo, mas isso não era o mais importante. Ainda mais com o locutor falando errado e misturando duas ideias contraditórias: “um pouco” e “gordão”. Óbvio! Se o garoto era um pouco gordo, ele não devia ser chamado de gordão. Se bem que o garoto era gordão mesmo. Então, o locutor não devia ter dito o “um pouco”.

Entre esses e outros absurdos, de vez em quando, o cara tentava explicar o porquê daquele mar de pulos:

...Os garotos e garotas da Inglaterra combinaram de pular todos ao mesmo tempo, hoje, exatamente às 11 horas da manhã, para tentar provocar um abalo sísmico no planeta Terra.

– E se eles conseguirem, Seu Rai?

Foi Clara quem perguntou, de um jeito meio particular e baixo. Afinal, não fazia nem um minuto que ela tinha feito um “psssiiiu!” cheio de “esses” e “is”. Sem desgrudar os olhos da tela, e de um jeito um tanto quanto enigmático, o Seu Rai respondeu:

– A Terra vai tremer!

– Chiiii! Vai mesmo!

O “Chiiii! Vai mesmo!” da Clara já não era mais para os garotos e garotas pulantes. É que ela estava vendo Dona Margarida, a síndica do prédio, se aproximar da gente... e bufando... com uma raiva que ela tentava esconder apertando os dentes e balançando com muita força a chave do carro.

– O que foi que o senhor disse, Seu Raimundo?

Quem fez essa pergunta foi a Dona Margarida. Era uma pergunta trepidante... estremecedora... perturbadora... praticamente um abalo sísmico!

Em menos de dois segundos os dez olhos tinham se voltado para Dona Margarida, e os cinco cérebros já haviam entendido perfeitamente que, dentro de

sua raiva amarrada nos dentes, a síndica entendeu que o Seu Rai tinha falado sobre a chegada dela quando disse que a Terra ia tremer.

A portaria ficou em silêncio novamente, como deve ficar um lugar depois que um abalo sísmico acontece. Só se ouvia a voz do locutor dentro do meu tablet:

...e eu acabo de receber a notícia de que o pulo de 1 milhão de garotos ingleses entrou para o livro dos recordes como o maior salto simultâneo da história e que...

A frase do cara parou no meio porque, claro, eu entendi que tinha que desligar o tablet. Desliguei o aparelho e me liguei na cara do Seu Rai que, de tão assustado, tinha deixado a pergunta da Dona Margarida sem resposta. Aliás, a própria síndica também se ligou nisso:

– O senhor não vai responder à minha pergunta, Seu Rai?

E o Seu Rai respondeu:

– É que eu estava vendo, na televisão... quer dizer no... na... na tela...

Será que foi o nervosismo que fez o Seu Rai não se lembrar que o nome daquela tela era tablet?

Pouco importava o que o Seu Rai ia responder.

Dona Margarida só queria uma frase... um pedaço de uma frase já valia... nem que fosse em outro idioma... ou a letra de uma música... pouco importava! Ela só queria que o Seu Rai dissesse qualquer coisa pra ela começar a dizer um monte de coisas:

– Eu estou há mais de dez minutos com o carro parado em frente ao prédio... atrapalhando o trânsito... correndo o risco de ser assaltada... buzinando que nem uma louca... pra chamar a sua atenção e o senhor abrir o portão automático da garagem. O senhor sabe tão bem quanto eu que é por questão de segurança que nenhum morador tem mais o controle remoto para abrir a porta da garagem, só o senhor... que prefere passar a manhã inteira assistindo programas eletrônicos, na internet, com os adolescentes do prédio... e deixa de cumprir a sua obrigação!

Mesmo sendo um pouco mais velha do que ele, Dona Margarida fazia questão de chamar o Seu Rai de senhor... e de falar de um jeito irritantemente calmo, pra deixar bem claro o quanto ela estava nervosa.

Depois de ouvir Dona Margarida repetir umas “trocentas” vezes, e de jeitos diferentes, o que ela já tinha falado, estava claro pra todo mundo que a coisa ia acabar mal pro lado do Seu Rai.

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

ede

edelbra

edelbra

TONI BRANDÃO

Nasceu na cidade de São Paulo, em 1960. É um dos poucos autores multimídia do Brasil, com projetos de êxito na literatura, teatro, televisão, cinema e mídias digitais. Seus livros abordam o comportamento do jovem urbano e comunicam-se com esse público de uma maneira clara, bem-humorada e reflexiva.

Além dos livros de sucesso, Toni é também autor de peças de teatro que lhe renderam prêmios como APCA e Mambembe. Atuou como articulista do jornal *Folha de S. Paulo*, no suplemento infantil *Folhinha*.

É autor de versões para jogos eletrônicos de clássicos da literatura brasileira; ficção para a internet, como novelas interativas para jovens e é, também, coordenador de oficinas culturais para Secretarias de Cultura e escolas do Brasil e do exterior.

MARCELO CIPIS

Nasceu em São Paulo, em 1959. Pintor, desenhista e ilustrador. Iniciou sua formação em artes plásticas, em 1968, no Ateliê Livre de Criação, na Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP. Em 1977, ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP. Realizou sua primeira exposição individual em 1988, na Galeria Documenta, em São Paulo. Participou da 21ª Bienal Internacional de São Paulo, com a instalação Cipis Transworld, das 4ª e 5ª edições da Bienal de Havana, em Cuba. Recebeu, em 1994, o Prêmio Jabuti pela capa do livro *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel. Em 2000, ganhou bolsa da Pollock-Krasner Foundation em São Paulo. Produz ilustrações para vários jornais, revistas e livros infantis.



O Kiko, a Clara, a Rita e o Tuto são pré-adolescentes, vizinhos e amigos. Superamigos. Tão “super” que até formam uma gangue do bem, um time.

Esse time acaba de se meter em uma tremenda confusão envolvendo o Seu Rai – o porteiro do prédio – e um tablet. A confusão é tão grande que Dona Margarida, a síndica do condomínio, decide mandar Seu Rai embora.

Os quatro amigos/vizinhos resolvem tentar convencer os outros moradores do prédio a não deixar que o porteiro seja demitido. A tremenda confusão transforma-se em uma grande aventura e, enquanto o Kiko, a Clara, a Rita e o Tuto defendem o Seu Rai, acabam tendo contato com os principais assuntos do mundo atual: paz, guerra, ética, preconceito, sexo, drogas, respeito às diferenças, novas tecnologias, os meios de comunicação, a falta de comunicação... É assim que esses amigos e vizinhos se transformam nos **Televizinhos!**

edelbra

ISBN: 978-85-66470-55-0



9 788566 470550